EDUCAÇÃO BANCÁRIA HIGH TECH: UM RISCO PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DANILO AUGUSTO DIAS

RESUMO

Este estudo aborda o tema da "educação bancária", conceito apresentado por Paulo Freire no livro "Pedagogia do Oprimido" que pode ser sintetizado como a prática de transmitir conhecimento de forma desconectada da realidade do educando, dentro do universo da Educação a Distância (EAD). A "educação bancária" freiriana coloca o professor como detentor inquestionável do saber, estabelecendo relações de poder desiguais no processo educativo. Esse termo foi cunhado por Freire num momento em que a educação brasileira era conduzida de forma a satisfazer as necessidades de um mercado de trabalho carente de mão de obra técnica, capaz de repetir processos mecânicos e sem a necessidade de um pensamento crítico. Já a educação do século XXI é profundamente marcada pela incorporação cada vez maior das tecnologias de informação e comunicação e pela educação à distância. Contudo, elementos conceituais fundamentais da educação bancária encontraram espaço dentro do ensino online. Através de uma revisão bibliográfica, o presente trabalho procura destacar a relevância da EAD que, hoje, representa a maior parte das vagas no ensino superior de graduação, mas é afetada por elevados índices de evasão. Estudos apontaram que a falta de interação e o isolamento dos alunos são fatores que contribuem para a evasão. A criação de comunidades de aprendizagem é sugerida como antídoto ao isolamento e uma forma de garantir a permanência dos alunos, funcionamento como espaços de troca e interação entre todos os participantes. A perspectiva dialógica da educação, como proposta do Freire, precisa ser resgatada como forma de superar a educação bancária dentro do contexto digital. O presente trabalho também destaca a criação de ambientes de aprendizagem centrados na experiência do aluno, com o uso das metodologias ativas e uma valorização da interatividade como caminhos possíveis para a redução da evasão e a promoção de uma educação emancipadora capaz de cumprir seu papel social.

Palavras-chave: Evasão Escolar; Comunidades de aprendizagem; Metodologias Ativas; Educação dialógica; Educação Tecnológica.

1 INTRODUÇÃO

A expressão “educação bancária”, lapidada por Paulo Freire em seu *magnum opus* “Pedagogia do Oprimido”, consiste na prática de inculcar nas mentes dos educandos fragmentos de conteúdo ou informações desconectados da vida e das vivências desses indivíduos. Nessa perspectiva o educador não só é o grande detentor do saber, mas o verdadeiro e único sujeito do processo educativo, convertendo-se numa figura inquestionável.

Freire lançava seu olhar para uma educação mecanicista, técnica e que era fruto do seu tempo. Frequentemente influenciada pelas teorias da administração, ainda carente de um pensamento só seu, a educação brasileira consistia, no seu arcabouço conceitual e legal, na preparação dos jovens para um mercado de trabalho profundamente marcado pela mecanização e pelos processos em série que, pela própria natureza, não demandavam trabalhadores com

DOI: 10.51189/iii-conbraed/20837

capacidade crítica, mas apenas com um bom domínio da técnica. Ao publicar, em 1968, a Pedagogia do Oprimido, Freire não só cria o termo "educação bancária" como explica, a seu ver, a sua antítese, a "educação libertadora". A libertação, segundo Freire, está no reconhecimento da superação da cosmovisão contraditória educador-educandos por uma nova visão de cooperação e na substituição dos papéis fixos por dinamismos simbióticos (FREIRE, 2019, p. 120).

Se a educação apresentada por Freire foi marcada pelos paradigmas do seu tempo, podemos dizer que a educação do século XXI também sofre da influência do seu contexto altamente tecnológico, com a incorporação cada vez mais agressiva e veloz dos elementos digitais, num processo de hibridização do ensino. Nesse sentido a educação passa por uma transformação paradigmática, superando a bidimensionalidade tradicional de espaço (físico) e tempo (síncrono) por uma nova configuração multidimensional que incorpora o virtual, a realidade aumentada, a assincronia, as redes sociais e a distância.

Contudo, ainda que se reconheça a natureza multidimensional da educação atual, com sua multiplicidade de recursos e ferramentas que podem colaborar com o ensino e com a aprendizagem, não se pode negar que os elementos conceituais daquela educação bancária que era criticada por Freire na segunda metade do século passado ainda existem e podem influenciar até mesmo um ensino altamente tecnológico. Portanto, o presente trabalho busca contribuir como um alerta para que educadores e educadoras que atuam na educação a distância repensem a sua práxis visando evitar que os recursos tecnológicos sejam utilizados exclusivamente com a finalidade da produção de uma nova educação bancária, high tech, mas ainda sim passiva e incapaz de reconhecer no educando a sua condição de sujeito crítico.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa. Conforme apontado por SEVERINO (2017), é mais adequado falarmos em "abordagem" e não em "metodologia" qualitativa porque ela parte de uma epistemologia e não se restringe apenas a características de metodologia. Ela parte ainda de uma revisão da literatura (bibliográfica). Segundo GIL (2017) a pesquisa bibliográfica apresenta vantagens ao permitir ao pesquisador ampliar seu foco de análise através do uso de outras fontes previamente disponibilizadas. Quanto à sua finalidade, a pesquisa se classifica como básica uma vez que "reúne estudos que tem como propósito preencher uma lacuna no conhecimento" (GIL, 2017, p. 31). Através da revisão de artigos e livros este trabalho procurou lançar luzes sobre um fenômeno atual na área, orientando-se e discutindo-o através da obra Freiriana num diálogo com autores e pesquisadores da atualidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados do Censo da Educação Superior de 2021, a educação a distância compreende 73,8% das vagas na graduação, tendo variado +23,8% quando comparado ao ano anterior, e possui 63% das novas matrículas na graduação (BRASIL, 2022). Embora o percentual de matrículas seja elevado, é igualmente alarmante o percentual da evasão dos alunos nos cursos na modalidade EAD.

As causas que levam o estudante a desistir do curso são inúmeras, mas estudos recentes apontam causas ligadas a metodologia do curso, os recursos tecnológicos e fatores pessoais. De acordo com BRANCO, CONTE e HABOWSKI (2020) alguns motivos para o abandono do curso estão relacionados à ausência da interação humana entre os sujeitos participantes que se configura num problema de natureza social com impacto no pedagógico. Nessa direção apontam os resultados apresentados por OLIVEIRA, BEZERRA e TORRES (2021), quando fazem a separação das causas da evasão em fatores exógenos, ligados ao exterior das

DOI: 10.51189/iii-conbraed/20837

instituições de ensino, e fatores endógenos, que se referem ao próprio curso. Segundo o estudo, o acolhimento do estudante por parte da estrutura humana do curso (professores, tutores e colegas) tem um impacto significativo nas taxas de permanência do estudante.

A ausência de um sentimento de pertencimento institucional por parte do aluno, aliado ao desinteresse pelo curso e a uma frustração em torno dos resultados acadêmicos (OLIVEIRA, BEZERRA e TORRES, 2021, p.11), que podem conduzir o educando a deixar o curso, apontam para a necessidade de as instituições de ensino repensarem suas estratégias à luz de uma prática mais humanizadora que leve em consideração as necessidades sociais dos estudantes. E essas estratégias precisam ser aplicadas imediatamente ao ingresso do aluno no curso uma vez que são as experiências vividas durante o primeiro ano que mais influenciam o estudante a desistir e evadir (SANTOS, 2009).

MEZZARI et al (2013) destaca que o desinteresse pela continuidade dos estudos e uma inadequação por parte do estudante ao modelo e às exigências da EAD, que demandam uma maior autonomia do estudante, são obstáculos a serem superados. Nesse ponto, embora a educação a distância se dê de forma a concentrar a maior parte do esforço educativo sobre o aluno, o papel das relações e interações humanas retorna ao foco do debate. Embora tanto SANTOS (2009) quanto OLIVEIRA, BEZERRA e TORRES (2021) reconheçam que os fatores externos, ou exógenos, são preponderantes na decisão do aluno evadir, não se pode ignorar que os fatores internos (endógenos) à própria organização do curso também contribuem nesse sentido e estão, portanto, ao alcance de ações das instituições de ensino.

Portanto, torna-se necessária a construção de verdadeiras comunidades de aprendizagem para alunos da EAD como forma de romper com a solidão e garantir o acolhimento e a permanência do estudante nos cursos. Essas comunidades:

> funcionam tal como uma comunidade de prática que se forma com um interesse comum, que partilha entre si o conhecimento de forma organizada, evoluindo constantemente e permitindo uma constante interação entre os seus participantes (TRINDADE; MOREIRA,2018 apud DIAS-TRINDADE, 2021).

Retornamos aos conceitos freirianos da necessidade das relações de aprendizagem mútuas, de trocas entre educador-educando, propostos numa perspectiva dialógica. A educação bancária, na visão de Freire, é antidialógica por natureza, isto é, fechada sobre si mesma na figura do educador mestre que seleciona os conteúdos a serem dissertados por ele (FREIRE, 2019, p. 167). A massificação dos cursos EAD, com a criação de programas pré-estabelecidos através de uma curadoria centrada no conteúdo a ser transmitido, aliado à pouca interação entre os sujeitos envolvidos, como apontam os estudos aqui citados, contribuem para uma nova modalidade da educação bancária. Agora, imbuída dos recursos digitais, essa nova educação bancária torna-se High Tech, contudo apresenta os mesmos dilemas daquela educação bancária criticada por Paulo Freire.

Isso decorre, certamente, da incapacidade de pensarmos a educação a distância como um novo espaço educativo e, por isso, transportamos as falhas conceituais da educação presencial para o mundo virtual, apenas lhe dando uma nova roupagem. Por isso não surpreende que essa educação bancária High Tech produza índices tão elevados de evasão e abandono, porque ela une a visão conteudista centralizadora da educação presencial ao isolamento social, uma solidão educativa, que é inerente à educação a distância.

É preciso, portanto, resgatar a dialogicidade proposta por Freire e, numa perspectiva digital, esse resgate passa pela criação de comunidades de aprendizagem. Essas comunidades não são verticalizadas, mas para refletir a natureza dialógica moderna elas precisam ser construídas em forma de rede. A rede dentro de uma comunidade de aprendizagem permite o diálogo uma vez que:

DOI: 10.51189/iii-conbraed/20837

> É importante também termos a percepção da perda de linearidade e da inflexibilidade estabelecida pelo sistema comunicacional tradicional (traduzido pela tríade emissor, mensagem e receptor) na concepção (e estrutura) da comunicação em rede na qual todo agente (humano, contexto ou algoritmo) tem possibilidade de criar, emitir e receber mensagens. (MEISTER, I. P.; LIMA, V. S, 2021, p.8)

A construção de ambientes virtuais de aprendizagem pensados na experiência do aluno e não apenas na transmissão bancária do conhecimento pode indicar caminhos para diminuir os elevados índices de evasão como também reforçar o papel social emancipador que a educação a distância pode assumir na sociedade brasileira. Segundo MEZZARI et al (2013), esses ambientes precisam estar marcados pela interatividade, inclusive na construção do material didático a ser usado que permita ao aluno a reflexão numa perspectiva dialógica.

MILL (2021) por sua vez chama a atenção para as metodologias ativas como forma de construir uma aprendizagem significativa uma vez que elas "podem ser consideradas como estratégias pedagógicas de estímulo à participação e ao engajamento dos estudantes, de modo a despertar a curiosidade e estimular tomadas de decisões individuais e coletivas" (MILL, 2021, p. 12). As metodologias ativas, na sua multiplicidade de formas, se mostram adequadas ao ensino dentro da perspectiva digital e podem ser um importante instrumento no combate à educação bancária tradicional ou high tech.

4 CONCLUSÃO

A educação a distância dentro do contexto brasileiro se torna cada vez mais relevante e tem contribuído com a expansão do ensino aos mais diversos e profundos rincões do território nacional. Num país marcado por uma obscena desigualdade social, onde o Estado se mostra incapaz de suprir as vagas no ensino superior demandadas pela sociedade, o EAD assume um importante papel na democratização do acesso do cidadão a uma educação universitária.

Contudo, o acesso sem condições para a permanência não se constitui uma conquista social, antes se configura como um recrudescimento dessas mesmas desigualdades. Os níveis alarmantes da evasão na educação a distância devem conduzir a todos a uma reflexão contextualizada que olha além dos números e dados estatísticos e enxerga o indivíduo na sua condição de estudante de uma modalidade de ensino que carrega em si uma nova configuração, uma nova expectativa e novos desafios.

Os estudos indicam que dentre os fatores internos apontados como causa da evasão, está a solidão do aluno na sua caminhada de aprendizagem. Essa solidão se potencializa através de um ensino voltado para os conteúdos e por poucos momentos de interação e diálogo entre os envolvidos no processo educativo. A EAD de alta evasão é uma nova modalidade de ensino que carrega os velhos problemas do ensino presencial: a centralidade no conteúdo e a distância entre aluno e docente que é visto como detentor absoluto do saber a ser passivamente transmitido através de videoaulas, podcasts, webcasts, etc. Enfim, é uma reedição da Educação Bancária de Paulo Freire com elementos de alta tecnologia digital.

Para vencermos a passividade solitária desta nova Educação Bancária High Tech se faz necessário um movimento de revisão das práticas de ensino e do planejamento e execução dos cursos EAD para garantir o acolhimento do estudante e a sua efetiva participação ativa nos ambientes e espaços de aprendizagem virtuais.

REFERÊNCIAS

BRANCO, L. S. A.; CONTE, E.; HABOWSKI, A. C. Evasão na educação a distância: pontos e contrapontos à problemática. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 25, n. 1, p. 132–154, jan. 2020.

DOI: 10.51189/iii-conbraed/20837

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior Divulgação de Resultados**. Brasília, DF: Inep, 2022.

DIAS-TRINDADE, S. **Ecologia de aprendizagem e redes virtuais**. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021. 37 p. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 126 p. FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 84ª. Ed. São Paulo:Paz e Terra, 2019. 256 p.

MEISTER, I. P.; LIMA, V. S. **Aprendizagem colaborativa nas comunidades em rede**. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021. 49 p.

MEZZARI, Adelina; TAROUCO, Liane Margarida R.; AVILA, Barbara Gorziza; MACHADO, Geraldo Ribas; FAVERO, Rute Vera Maria; BULEGON, Ana Marli. ESTRATÉGIAS PARA DETECÇÃO PRECOCE DE PROPENSÃO À EVASÃO. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, 2013. ⟨hal-01837536⟩

MILL, D. Reflexões sobre aprendizagem ativa e significativa na cultura digital. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021. 43 p.

OLIVEIRA, C. V. S. B.; BEZERRA, D. H.D; TORRES, G. V.S. Revisão Sistemática da Literatura Sobre as Causas de Evasão da Educação a Distância no Brasil. EmRede - Revista de Educação a Distância, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1–15, 2021. DOI: 10.53628/emrede.v8i1.656. Disponível em: https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/656. Acesso em: 08 mai. 2023.

SANTOS, Elaine Maria dos. NETO, José Dutra de Oliveira. Evasão na Educação a Distância: identificando causas e propondo estratégias de prevenção. **Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL**, Volume 2, número 2, dez. 2009. Disponível em: <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. Acesso em: 05 de mai. 2023

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2017. 320 p.